



MARTINS, José de Souza.

Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano.

São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

A Fronteira e a Expansão Territorial no Brasil: Resistências, Lutas e Massacres

Eblin Farage*

O pensamento social crítico já deixou consagrado que a trajetória do capitalismo é marcada por processos distintos de desenvolvimento, envolvendo mudanças que passam pelo âmbito econômico, pelas transformações no mundo do trabalho, pela cultura e pela dinâmica social. Alteridades marcadas por contradições próprias do modo de produção capitalista, em suas diferentes fases de organização e gestão das relações sociais, imbricadas de forma impiedosa pelas lutas sociais, que se expressam com diferentes intensidades na luta de classes. O legado dessas interpretações sobre o mundo capitalista nos mostra que, sob a égide do desenvolvimento, do progresso e da expansão territorial, o capitalismo ganha contornos específicos, que se expressam na busca pela superação das antigas formas de organização social, pela gestão do Estado e pela organização do trabalho.

José de Souza Martins, que é um dos expoentes intelectuais que fizeram de sua trajetória de estudos um meio de reflexão sobre essas formas e processos sociais, apresenta-nos recorrentemente uma nova vereda de problematização. Em seu livro *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*, por meio de pesquisa desenvolvida ao longo de trinta anos (boa parte deles no período da ditadura militar

.....
¹ Assistente social. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, Polo Rio das Ostras. Endereço postal: Rua Recife, s/n, Jardim Bela Vista, Rio das Ostras, CEP: 28890.000. Endereço eletrônico: farage.eblin@gmail.com.

no Brasil), segue essa trilha de preocupações e faz uma profunda análise sobre a coexistência de diferentes formas de trabalho nos espaços de *fronteira* no interior do Brasil, todas marcadas pela degradação do ser humano.

Em sua obra, Martins assume o desafio de refletir sobre a apropriação do trabalho humano pelo capitalismo contemporâneo, em especial no que tange a relação estabelecida entre os ditos “civilizados” e os índios e camponeses no interior do Brasil.

Partindo da análise de experiências de “Frentes de Expansão e Frentes Pioneiras”, mostra como a história recente do país, ao buscar a expansão territorial como forma de garantir a reprodução do capitalismo – com recorrentes mitos de desenvolvimento –, recria ações e atividades típicas do processo de acumulação primitiva do capital. Mostra ainda que as *Frentes de Expansão*, nem sempre se dão a partir da existência primeira das *Frentes Pioneiras*, já que muitos territórios já eram ocupados, em especial por índios e camponeses.

Baseado na concepção marxiana do *desenvolvimento desigual* do capitalismo, o paulista e professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo mostra, ao longo de sua obra, que a aparente contradição posta pela existência do trabalho escravo na atual fase do capitalismo deve ser compreendida como “um componente do próprio processo do capital” (MARTINS, 2009, p. 78), que se difere da escravidão que perdurou até o século XIX, ao mesmo tempo que guarda semelhanças, em especial no que se refere à coerção e à privação da liberdade dos trabalhadores.

Concordando com autores como Tom Brass, Martins sugere que, em determinadas circunstâncias, o capitalismo pode *preferir* o trabalho não-livre como parte do processo de “acumulação primitiva no interior da reprodução ampliada do capital” (MARTINS, 200a, p. 78):

Na verdade, o problema da persistência ou do renascimento de formas contemporâneas de escravidão tem sociologicamente a importância de um analisador-revelador. Sua análise permite ampliar a nossa compreensão do que o capitalismo é um século depois das análises de Marx, quando essas diferenças podiam ser atribuídas a estruturas sociais, econômicas e políticas de um passado que ainda estava muito próximo. Elas apareciam, muitas vezes enganosamente, como meras sobrevivências de modos de produção ainda não completamente destruídos pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista. Quando, na verdade, estavam se tornando produtos do capital (MARTINS, 2009, p. 79).

Seu estudo, tem como campo empírico diferentes espaços de *fronteira*, no qual busca analisar os dois lados desse contexto, ou seja, os chamados “civilizados” e os “outros”, os “do lado de lá”. Martins considera a fronteira o *locus* privilegiado de disputas por grupos distintos, local de redefinição de limites, cenário de lutas, mortes, conflitos e resistência. Mas também lugar de vivências, buscas e esperança.

De certo modo, instiga-nos a pensar a *fronteira* como fio da navalha das situações limites, onde nem bem se é uma coisa nem outra, como as muitas facetas de formalidades e informalidades das cenas urbanas também. Nessa direção instiga-nos à aventura de pensar o conceito para além dos territórios distantes que analisou:

A fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano (MARTINS, 2009, p. 11).

Para nos levar a essa reflexão, o livro apresenta quatro estudos, realizados ao longo dos anos de pesquisa do autor, nas áreas definidas como *Frentes de Expansão* e *Frentes Pioneiras* do Brasil, a partir de uma técnica denominada por Martins de *pedagogia investigativa*.

A metodologia do trabalho investigativo, utilizada pelo autor, permitiu reunir centenas de entrevistas, gravações, documentos e registros sobre o movimento de expansão territorial do capital sobre territórios indígenas e de populações camponesas locais. Esse processo tem como resultado o massacre de diferentes tribos, o rapto de pessoas – em especial mulheres e crianças –, a humilhação dos trabalhadores camponeses por meio da sua subalternização e o trabalho escravo.

As vivências nos espaços de *fronteira* ganham vida nos relatos de adultos (homens e mulheres), mas em especial no olhar e na vivência relatada pelas crianças, que retratam o lugar do “outro”, dos subalternizados – experiências que são narradas ao longo do texto e que, por vezes, emocionam o leitor, pela forma cruel com que os ditos “civilizados”, os donos de terra ou os índios de tribos rivais, subjagam outros seres humanos. É por isso uma investigação sobre a subjugação social e, nesse sentido, é um tratado de interesse para todos que tem essa temática como campo de estudo. São essas narrativas, e as reflexões advindas e provocadas pelo processo investigativo, que o autor relata ao longo de sua obra.

No primeiro capítulo, o autor apresenta as diferentes experiências de fronteiras, seja sob a égide da expansão ou da disputa de território por grupos distintos. Como consequência desse proceder, ganha relevância nos estudos apresentados a prática do rapto de mulheres e crianças, os ataques aos territórios de fronteira, a morte e a situação de cativeiro vivida pelos raptados que não são assassinados.

No segundo capítulo, o autor procede a uma densa reflexão sobre o lugar que as frentes de expansão e as frentes pioneiras ocupam no processo de reprodução do capital, a partir do trabalho escravo. Destaca a prática da escravidão por dívida, fenômeno que se revitaliza “nas últimas décadas, como prática de empresas cuja lógica econômica, caracteristicamente capitalista e moderna, faz supor que nelas a escravidão seria uma contradição e uma irracionalidade” (MARTINS, 2009, p. 72). Essa teia de relações forjadas a partir de práticas aparentemente arcaicas garante, em parte, a expansão territorial do capital, restabelecendo, dessa forma, processos de acumulação primitiva.

No terceiro capítulo, Martins convida o leitor a uma instigante análise sobre as frentes pioneiras no interior do Brasil, a partir do olhar das crianças. Um ensinamento bastante especial sobre como lidar com as crianças como informantes de pesquisas sociais, que é de longe um tema bastante controverso no meio acadêmico. Mas as maneiras de seguir esse caminho metodológico vão sendo sugeridas no texto e se enchem de sentido quando se relata o processo de migração de famílias em busca de futuro e de trabalho. Enfoca-se a fuga da pobreza e da humilhação em razão da condição de crianças camponesas, não proprietárias de terra. “As crianças entendem que pessoas têm o seu lugar, um lugar a que pertencem e que lhes pertence, ideia que não se confunde com a de propriedade” (MARTINS, 2009, p. 123).

No quarto e último capítulo de sua obra, Martins retoma as reflexões sobre o lugar e a situação da *fronteira*, afirmando “que o que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social” (MARTINS, 2009, p. 133), considerando que a “fronteira é essencialmente o lugar da alteridade” (MARTINS, 2009, p. 133):

A fronteira é a fronteira da humanidade. Além dela está o não-humano, o natural, o animal. Se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um lado só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano (MARTINS, 2009, p. 141).

Com suas profundas reflexões e estudos sobre a situação de fronteira no Brasil, provocadas pelas frentes de expansão e pelas frentes pioneiras, Martins demonstra como são criadas novas mercadorias, para atender as demandas da expansão capitalista. Seja a própria terra, como fonte de produção de outras mercadorias, seja a mercantilização das relações sociais e do trabalho, transformando as relações entre pessoas em relações entre coisas.

Esta obra torna-se, assim, leitura fundamental para todos aqueles pesquisadores e profissionais que desejam refletir sobre as metamorfoses das expressões da questão social, bem como seus rebatimentos na expansão das relações mercantis, das relações sociais e de produção.

Por fim, vale ressaltar que a fronteira, como expõe o autor, pode ser vista como um espaço próprio, com dinâmicas outras. Essas fronteiras, contudo, eivadas pelos vetores de forças que são, quase sempre, mais fortes do que elas próprias, impõem novas dinâmicas e movimentos em prol da expansão do capital.